

# A realidade da ficção na pintura de Carlos Alberto Petrucci

## *The reality of fiction in the painting of Carlos Alberto Petrucci*

ALFREDO NICOLAIEWSKY\*

Artigo completo submetido a 26 de janeiro de 2017 e aprovado a 5 de fevereiro 2017.

\*Brasil, artista visual / professor. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Artes Visuais, Poéticas Visuais, UFRGS.

Doutor em Artes Visuais, Poéticas Visuais, UFRGS.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais. Rua Senhor dos Passos, 248, Centro Histórico, Porto Alegre, RS CEP: 90020-180 Brasil. E-mail: alfredo.nicolaiewsky@gmail.com

**Resumo:** Este texto tem por objeto uma série de pinturas de Carlos Alberto Petrucci, produzidas entre os anos 1970 e os anos 1980. Nelas são retratados prédios do patrimônio arquitetônico local em vias de desaparecimento. Para compreendermos a excepcionalidade da série é importante observar a técnica empregada – têmpera encerade – e o tratamento das imagens a partir de fotografias. Esses aspectos me chamaram a atenção ao ver as pinturas na época de sua execução; porém elas tinham algo mais, além da melancolia: há tristeza, solidão e silêncio que tocaram-me naquele momento e que, passados mais de trinta anos, continuam a emocionar-me.

**Palavras chave:** Carlos Alberto Petrucci / pintura / hiper-realismo.

**Abstract:** This paper is based on a series of paintings by Carlos Alberto Petrucci, produced between the 1970s and the 1980s. They show buildings of the local architectural patrimony in the process of disappearing. To understand the exceptionality of the series, it is important to observe the technique employed – wax tempera – and the treatment of images from photographs. These aspects caught my eye when I saw the paintings at the time of their execution. But they had something more than melancholy: there is sadness, solitude and silence that touched me at that moment and that, after more than thirty years, continue to excite me.

**Keywords:** Carlos Alberto Petrucci / painting / hyper-realism.

Autor de uma série de pinturas, nas quais propunha preservar um tempo que passava representado em antigos espaços urbanos, Carlos Alberto Petrucci (Pelotas/RS, 1919 – Porto Alegre/RS, 2012) foi um importante artista do Rio Grande do Sul. Mas esse mesmo tempo que ele tentou apreender foi cruel com sua obra, pois Petrucci está praticamente esquecido, apesar da extrema qualidade da sua obra, do reconhecimento da crítica e do sucesso comercial que esta série obteve no período entre os anos 1970 e o início dos anos 1980. Neste texto proponho resgatar parte da produção do artista, lançando um olhar sobre a pintura desenvolvida no período citado. Como milhares de outros artistas pelo mundo, com certeza a imensa maioria, esse esquecimento, ou segundo plano, é absolutamente injusto, visto a importância que suas obras tiveram no momento de sua maior aceitação e as repercussões que elas causaram em muitos outros artistas, principalmente aqueles mais jovens, dentre os quais me incluo.

### 1. Alguns dados biográficos

Pelotas, cidade onde nasceu Carlos Alberto Petrucci, localizada no extremo sul do Brasil foi, no século XIX, uma cidade rica e refinada, graças principalmente à indústria do charque. No início do século XX, quando nosso artista nasceu, já estava em franca decadência econômica, mas continuava sendo uma cidade culta, graças à tradição conquistada e, em parte, devido à proximidade com Montevideu e Buenos Aires. Sua família, embora de origem humilde e de baixo poder econômico, pois seu pai era barbeiro, cultivava as artes, principalmente a música. Entre 1935 e 1936 Petrucci estudou desenho no Conservatório local e conta que, aos quinze anos, “Copiava artistas de cinema ou copiava quadros de outros pintores, publicados na revista *Ilustração Brasileira*” (Gastal, 1998: 102). A prática de pintar a partir de imagens preexistentes irá acompanhá-lo em boa parte de sua trajetória.

Em 1938, aos 18 anos, Petrucci vai para Porto Alegre, a capital do Estado, em busca de trabalho. Inicia em uma empresa de cartazes de rua, onde utilizava sua facilidade para o desenho, mas onde também era necessário rigor técnico. A partir de 1944 é contratado como desenhista técnico na Secretaria Estadual de Obras Públicas. Então começa a desenvolver seu trabalho artístico, paralelamente ao emprego público que lhe dava os meios de subsistência. Têm nesta fase inicial duas fortes influências: o artista Vasco Prado (1914-1998), de quem se torna amigo e divide ateliê e, ainda, a Revista do Globo (importante periódico ilustrado brasileiro editado quinzenalmente pela Livraria do Globo em Porto Alegre entre 1929 e 1967).

Disse ele que:

*É preciso lembrar da turma da Editora Globo. Eu, por exemplo, não passei pelo departamento de arte de lá, mas sofri influência daqueles desenhistas, que atingiram os artistas gaúchos atuantes então. De gráficos, particularmente [João] Fahrion e [Carlos] Scliar. Acho que todo mundo, mesmo sem passar pela Globo, tem influência das características gráficas que tiveram origem no grupo de lá, especificamente do [Ernst] Zeuner.*

Sua carreira desenvolve-se através da participação em inúmeros salões, exposições coletivas e mostras individuais, sendo que das treze individuais realizadas, onze ocorreram em Porto Alegre. Produzindo sistematicamente até o final dos anos 1990, sempre pautou sua carreira na experimentação de técnicas e linguagens, tendo como temas mais recorrentes os retratos, os nus, um expressivo conjunto de trabalhos abstratos e as paisagens. Irei deter-me nessas últimas, pois elas têm características bastante específicas e com as quais me identifico.

Esta série de pinturas, que agora descrevo, foi executada entre os anos de 1974 e 1980. Como até hoje não foram feitos estudos sistemáticos sobre a produção de Petrucci, desconhecemos quantas obras da série foram produzidas nesse período. Até o momento, baseado em catálogos de exposições e de leilões e também nos inventários de coleções públicas e privadas locais, consegui identificar e localizar apenas dezesseis obras, mas acredito que este número seja bem maior, visto o longo período em que foram produzidas.

Em 1975, ao se aposentar do serviço público, Petrucci viaja à Europa pela primeira vez. Nesta ocasião entra em contato com a produção hiper-realista, que estava no auge. Declara o artista que “Antes de viajar à Europa, havia feito dois ou três quadros hiper-realistas. Depois da viagem, voltei ao figurativo como nunca. Foi aí que surgiu a série com os prédios antigos de Porto Alegre” conforme informações de Susana Gastal (1998: 102). A opção por retratar os prédios antigos advém de uma “preocupação do artista com o desaparecimento de vários sítios significativos do Patrimônio arquitetônico da cidade reproduzidos com a máxima fidelidade e ‘uma ligeira atmosfera metafísica, que é minha contribuição. Se não seria uma simples cópia da natureza.’” (Gastal, 1998: 102).

## 2. A técnica

A técnica utilizada é bastante característica e fundamental neste conjunto de pinturas. Os trabalhos aqui estudados são em têmpera encerada aplicada sobre aglomerado de madeira.



**Figura 1** · Carlos Alberto Petrucci. *Pão dos Pobres*, Têmpera encerada sobre aglomerado, 1976, 23,9x16,5 cm. Coleção particular, Porto Alegre, RS. Foto do autor.

Deduzo, através da observação, que as etapas de execução devem ter seguido o seguinte caminho: a partir de uma fotografia, Petrucci transpunha a imagem para o suporte, seja utilizando a observação direta da foto, ou o método de transposição por grade ou ainda uma projeção, fazendo um desenho de base, mas já “limpando” a imagem dos elementos que considerava desnecessários – postes, placas, veículos e principalmente pessoas – deixando somente os prédios, a vegetação e as vias. A primeira camada de pintura era aplicada cobrindo todas as superfícies.

Esta base em cores uniformes era aplicada em áreas específicas, como podemos ver na pintura “Pão dos Pobres”, na qual as paredes iluminadas são pintadas de bege, as aberturas de verde claro e a parte escura do prédio, de frente para o espectador, têm uma cobertura em dois tons próximos de verde. Os troncos das árvores receberam uma camada uniforme de marrom e, em suas áreas mais iluminadas, pequenas manchas de uma tonalidade clara. A única área que recebe pintura tonalizada é o céu, que vai de um azul intenso no alto, clareando em direção ao horizonte abaixo. Após essa primeira camada, que define os planos e todos os elementos, o artista entra com uma segunda camada pictórica.

Esta é constituída de pequenos traços paralelos, acredito que feitos com tira-linhas, aplicados sobre a camada anterior. Os tons aplicados desse modo variam entre os claros e os escuros em relação à base, e tem dois intuitos: 1. dar uniformidade a pintura e, 2. enriquecer a camada pictórica com texturas e volumes, definindo os detalhes e aspectos ainda não tratados. O artista consegue, com este tratamento, dar à obra um aspecto muito próximo ao fotográfico, promovendo o distanciamento e a atemporalidade às obras, o que nos levaria a aproximá-las não somente do hiper-realismo, mas também da pintura metafísica, seja pelo silêncio, pelo esvaziamento e, principalmente, pelo clima de irre realidade que elas transmitem.

Ainda falando da pintura propriamente dita, temos a escolha das cores utilizadas: apesar do resultado se aproximar da imagem fotográfica, ou seja, os diversos elementos são pintados com as cores reais, podemos perceber que ele utiliza as mesmas cores e tonalidades em diversas áreas da pintura. Na já citada *Pão dos Pobres* podemos perceber que as cores utilizadas no prédio se repetem no chão e nas árvores – o que em uma área é a primeira camada – volta nos outros elementos como grafismo. Este recurso, muito utilizado pelo artista, acaba por estabelecer uma unidade cromática ao conjunto. Não quero dizer com isto que a superfície pictórica tenda a uma única cor. Os elementos continuam com suas cores bastante definidas, mas reverberam, de modo sutil, uns nos outros.



**Figura 2** · Carlos Alberto Petrucci. *Farmácia Carvalho*. Têmpera encerade sobre aglomerado, 1977, 66,7x37,0 cm.

Coleção Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Foto: [www.margs.rs.gov.br/catalogo-de-obras/C/16702/](http://www.margs.rs.gov.br/catalogo-de-obras/C/16702/)

**Figura 3** · Carlos Alberto Petrucci. *Torres*. Têmpera sobre aglomerado, 1979, 62x81cm. Coleção Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Foto: [www.margs.rs.gov.br/catalogo-de-obras/C/16702/](http://www.margs.rs.gov.br/catalogo-de-obras/C/16702/)

**Figura 4** · Carlos Alberto Petrucci. *Sem título*. Têmpera encerade sobre aglomerado, 1975, 47x70 cm. Coleção particular, Porto Alegre, RS. Foto do autor.



### 3. Estruturas

As representações urbanas de Petrucci se dividem em dois conjuntos bastante diferentes. No primeiro grupo as pinturas representam os prédios em absoluta frontalidade, apresentando unicamente as fachadas – o que nos remete às representações técnicas de arquitetura, como nas pinturas *Farmácia Carvalho* (Figura 2) e *Tumelero* –, ou utilizando o recurso de um único ponto de fuga central, como em *Travessa dos Venezianos e Torres* (Figura 3). No caso dos dois exemplos de fachadas há certo achatamento da imagem, o que não ocorre nos outros dois onde a perspectiva é amplamente enfatizada.

No segundo grupo os elementos arquitetônicos são representados com dois ou mais pontos de fuga (Figura 4). O artista estrutura estes espaços de tal maneira que somos atraídos para dentro das imagens, querendo perceber o que há ao fundo, ou atrás de um prédio que impede nossa visão.

Outro aspecto que chama a atenção, em algumas obras, são as sombras projetadas. Elas podem ser dos prédios sobre as ruas, das árvores, dos relevos arquitetônicos, mas sempre são extremamente marcadas e definidas. Mesmo elas sendo absolutamente corretas, o fato de serem tão acentuadas, quase palpáveis, lhes dá um caráter irreal.

### 4. A recepção e a atualidade

Nas reduzidas referências textuais sobre este conjunto de pinturas, normalmente elas são qualificadas como pinturas hiper-realistas. O historiador e crítico José Francisco Alves, em artigo publicado pouco tempo após o falecimento do artista, ao escrever sobre esta série, usa a expressão fotorrealismo:

*A partir de fotografias de paisagens predominantemente urbanas, as quais ele não era o autor, Petrucci começou a reproduzi-las, impecavelmente, retirando das cenas o que considerava 'ruído visual', como postes, antenas, letreiros e, principalmente, as pessoas. Podemos com isso entendê-lo como uma espécie de predecessor do processo análogo de limpeza digital, feita por softwares como o Photoshop.* (Alves, 2012: 6)

A limpeza das imagens acaba por ser uma das características mais marcantes deste conjunto de obras. A ausência absoluta de figuras humanas, a inexistência dos vestígios do dia-a-dia e o “restauro” dos prédios, que parecem ter sido recém construídos, tudo isto dá ao observador uma sensação de vazio, de solidão, de congelamento de um tempo. Todas estas pinturas são extremamente melancólicas, tristes, quase cidades-fantasma, apesar de serem luminosas e até mesmo ensolaradas.

Porém, além do caráter hiper-realista, suas obras possuem “uma ligeira atmosfera metafísica” como o artista nos diz. Aqui também vale lembrar dois outros artistas gaúchos contemporâneos de Petrucci, que nos anos 1970 tinham este caráter metafísico: Waldeni Elias (1931-2010) e Antônio Gutiérrez (1934-2004), dois pintores extremamente significativos para o conhecimento da arte feita no Rio Grande do Sul e que também ainda necessitam estudos monográficos aprofundados para sua adequada inserção.

### Conclusões

Para concluir: pensei em tentar escrever sobre o motivo que me levou a escolher estes trabalhos para apresentar. Vi os quadros na época em que foram feitos, final dos anos 1970, em algumas individuais e coletivas e desde o primeiro momento eles me impressionaram profundamente. Eu estava iniciando minha carreira como artista e não pensava nas obras a partir de conceitos ou teorias, mas me impressionava apenas pelo impacto que me causavam. A perfeição técnica e seu realismo fotográfico, com certeza foram os primeiros aspectos que chamaram minha atenção.

O crítico brasileiro Carlos Scarinci (Porto Alegre/RS, 1932 – São José dos Campos/SP, 2015) no livro *A Gravura no RS: 1900-1980*,

*(...) levanta uma hipótese interessante, em relação à obra de Petrucci. Para Scarinci, o tempo é o personagem central na pintura do artista, em especial na série hiperrealista (...). ‘O quadro assim compreendido, mais no seu modo de representar do que a partir de algo do objeto (exterior) que representa, mostra-se receptivo às projeções sentimentais ou intelectuais do espectador, mas provoca, pela ambigüidade formalizada, a necessidade de interpretação. O espectador não consegue mais permanecer apático, o fascínio da forma incentivando-o, constantemente, a tornar-se responsável pelo sentido.’ (Gastal, 1998: 108)*

O historiador português Vitor Serrão (Portugal, 1952), que escrevendo com acuidade e sensibilidade sobre uma pintura portuguesa de 1544, afirma que

*A poesia sente-se nas entranhas da tinta e fala-nos de imaginosos mundos. Mesmo que o traço de pincel seja feito de convenções e durezas (...) é solto e busca em imaginosos sentidos os nossos olhares. (Serrão, 2016)*

Estas pinturas tinham algo que ia além: há uma tristeza, uma solidão e um silêncio que me tocaram profundamente naquele momento e que, passados mais de trinta anos, continuam me emocionando e esses dois autores me ajudam a definir esse sentimento frente às obras de Carlos Alberto Petrucci.



## **Referências**

Alves, José Francisco (2012). "Petrucci, o fotorrealista gaúcho". Zero Hora, Porto Alegre, 14 julho 2012, Caderno Cultura, p. 6.

Gastal, Susana (1998). "Um encontro com Carlos Alberto Petrucci". In *Caixa Econômica Federal – Projeto Caixa Resgatando a Memória*. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal.

Rosa, Renato & Presser, Décio (2000).

*Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. 2ªed. rev. amp. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. ISBN: 85-7025-522-5

Serrão, Vitor (2016). "Exotismos, luz e sombra no coração do mundo". Postagem na página do historiador no Facebook em 08/12/2016. Disponível em: [www.facebook.com/vitor.serrao.58?fref=ts](https://www.facebook.com/vitor.serrao.58?fref=ts)